



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade

Sandra Maria dos Santos Rodrigues Tátá
(sandra.tt@sapo.pt)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Doutora Maria Jorge Ferro

Auto Conceito e Auto Estima - Sua Importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade

Resumo

A escola como contexto fundamental para o desenvolvimento das crianças e adolescentes e local privilegiado para os processos de socialização e de construção de identidade colabora assim para a organização do auto conceito.

Este ambiente proporciona experiências que favorecem sentimentos de confiança e competência, mas também inversamente, para aqueles que sentem dificuldades na obtenção de resultados e no estabelecimento de relações, diminuindo assim o auto conceito.

O percurso escolar é assim perspectivado como parte integrante da construção da experiência de vida de cada aluno, com implicações nas mudanças dos papéis que desempenham, rotinas, relações e na forma como percebem o mundo e a si mesmos.

Neste sentido, a presente investigação pretendeu através de uma abordagem descritivo-correlacional de carácter quantitativo, analisar da relação entre auto conceito e auto estima, perspectivando a sua influência nas diferenças de género, retenções, habilitações dos progenitores e nas dificuldades de aprendizagem, em alunos que se preparavam para transitar de ciclo de ensino.

Para o efeito, foi recolhida uma amostra composta por 126 alunos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, a frequentarem o Agrupamento de Escolas da Mealhada, e residentes no mesmo concelho.

Com a finalidade de obter os dados pretendidos, utilizou-se a escala de auto conceito Piers Harris e a escala de auto estima de Rosenberg e, como complemento da informação, recolhemos alguma informação sócio demográfica.

Palavras-Chave: adolescência, auto conceito, auto estima

Self Concept and Self Esteem – It's importance for academic performance in a sample of 9 th grade

Abstract

The school as fundamental to the development of children and adolescents and privileged place to the processes of socialization and identity construction context, collaborates for a good organization of the self concept.

This environment provides experiences that promote feelings of confidence and competence, but also conversely, for those who have difficulty in achieving results and building relationships, thus decreasing self concept.

The schooling is thus viewed as an integral part of the construction of the life experience of each student, with implications of changes in the roles they play, routines, relationships and the way they perceive the world and themselves.

In this sense, the present investigation sought through a descriptive-correlational approach of quantitative nature, analyze the relationship between self concept and self esteem, foreseeing its influence on gender differences, retention, qualifications of the parents and the difficulties of learning in students preparing to move from teaching cycle.

For this purpose, a composite was collected by 126 students, of both sexes, aged between 14 and 17 years sample, to attend the Group of Schools of Mealhada, resident in the same county.

In order to obtain the desired data, we used the scale Piers Harris self concept and self esteem scale of Rosenberg and to supplement the information we collect some information sociodemographic.

Key-words: adolescence, self concept, self esteem

Agradecimentos

À minha orientadora da faculdade, Professora Doutora Maria Jorge Ferro, pelos conselhos, apoio, orientação, disponibilidade demonstrada ao longo do estágio curricular.

Ao meu marido por respeitar a decisão que tomei ao longo deste percurso.

Aos meus filhos Rodrigo e Pedro, pois é por eles que luto por um futuro mais promissor.

À restante família pelo apoio prestado.

Ao meu pai em especial, a minha estrela guia, presente no início desta aventura mas sem a oportunidade de me acompanhar no seu desfecho. A quem sempre recorri nos momentos de maior exasperação, e maiores receios, dedico-lhe agora esta minha conquista.

Índice

Introdução	7/10
I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11/20
1.1 Auto Conceito e Auto Estima	11/13
1.2 Auto Conceito, Desenvolvimento e Aprendizagem	13/16
1.3 Auto Estima	16/20
II – OBJECTIVOS E METODOLOGIA	21/22
2.1 Objectivos e Questões de Investigação	21/22
III - Amostra	23/35
3.1. Instrumentos	24/26
3.2.Procedimentos	26/27
3.3 Análise e Discussão dos Dados	27/35
IV - REFLEXÃO FINAL	36/38
Bibliografia	39/41
Anexos	42

Índice de Tabelas

Tabela 1. Características Sociodemográficas da Amostra	22
Tabela 2. Comparação entre os dados da amostra e os valores normativos para as dimensões da Escala de Auto Conceito (PHCSCS-2) para o sexo masculino	26
Tabela 3. Comparação entre o grupo de estudo e os valores normativos para os factores da Escala de Auto Conceito (PHCSC-2) para o sexo feminino	27
Tabela 4. Comparação entre os dados da amostra e os valores normativos para os factores da escala PHCSCS-2 para a amostra total	28
Tabela 5. Estatísticas descritivas da Auto Estima (RSES) para o sexo masculino, sexo feminino e amostra total	29
Tabela 6. Comparação entre as pontuações do sexo masculino e do sexo feminino nas dimensões da Escala de Auto Conceito (PHCSCS-2)	29
Tabela 7. Comparação entre as pontuações do sexo masculino e do sexo feminino nas dimensões da Escala de Auto Estima (RSES)	30
Tabela 8. Comparação entre as pontuações nas dimensões da Escala de Auto Conceito (PHCSCS-2) em função da condição ter ou não retenções	31
Tabela 9. Comparação entre as pontuações nas dimensões da Escala de Auto Estima (RSES) em função da condição ter ou não retenções	31
Tabela 10. Comparação entre as pontuações nas dimensões da Escala de Auto Conceito (PHCSCS-2) em função das habilitações literárias dos pais	32
Tabela 11. Comparação entre as pontuações nas dimensões da Escala de Auto Estima (RSES) em função das habilitações literárias dos pais	33
Tabela 12. Comparação entre as pontuações nas dimensões da Escala de Auto Conceito (PHCSCS-2) em função da presença ou não de dificuldades de aprendizagem	33
Tabela 13. Comparação entre as pontuações nas dimensões da Escala de Auto Estima (RSES) em função da presença ou não de dificuldades de aprendizagem	34

Introdução

O auto conceito é um construto multidimensional que diz respeito à percepção que o indivíduo tem de si próprio nas várias dimensões da sua vida. De acordo com Byrne (1996), pode dizer-se que se trata de uma acumulação de conhecimento sobre o “eu”, como sejam as crenças acerca dos traços de personalidade, as características físicas, habilidades, valores, objectivos e papéis pessoais. Essa percepção é construída a partir da influência dos vários contextos em que o indivíduo se insere – família, escola, grupo de pares - e das interpretações que faz dessas mesmas experiências e da apreciação que outros significativos fazem dos seus comportamentos (Faria, 2005).

Segundo a concepção de Zimbardo (1972) e referido por Vaz Serra (1988) existe a tendência da família prescrever aos filhos determinada identidade, descurando as suas reais aptidões em troca do desejo por quem exprime essa identidade, fazendo correspondência a objectivos não alcançados pelo próprio e que pretendem concretizá-los através da pressão exercida sobre o indivíduo.

Wylie (1979) partilha também do mesmo pressuposto, referenciando os progenitores como modelos de comportamento esperado e fonte de reforço de comportamento apropriado, potenciando assim, para que os adolescentes desenvolvam ideias e sentimentos acerca de si próprios como e da identificação com os seus pais (Simões & Vaz Serra, 1987). Quanto maior são as expectativas dos pais acerca do desempenho dos filhos, maior é a possibilidade de existirem discrepâncias entre essas expectativas e esses desempenhos, citado por Simões & Vaz Serra (1987).

O compromisso da escola deve extrapolar as experiências académicas e sociais do aluno, para que se possibilite uma edificação da imagem de si próprio adequada na sua competência de/no seu valor.

A auto estima é um constructo central para o desenvolvimento da personalidade (Burns, 1979) e o objectivo passa pela organização de uma personalidade equilibrada. (Formosinho & Pinto, 1986). Não obstante, de se considerar a não linearidade na causalidade das coisas, pelo pressuposto que, citando Barata (2014) “O ser humano é um ser híper complexo”.

Apesar da inexatidão terminológica e dentro da perspectiva fenomenológica é a partir dos anos quarenta que se realizaram grandes trabalhos de investigação tendo como essência dois princípios:

A perspectiva social que valoriza a dimensão social do self, edifica a relação social do self no processo de formação do auto conceito e auto estima ou seja, o “eu” visto na sua relação com os outros.

A perspectiva individualista, na hegemonia da percepção individual como realidade de base do self, sendo Combs e Snygg (1959) os precursores desta perspectiva.

Os problemas de indefinição e de medida do termo auto conceito são numerosos. Se para Rogers (1967) é um conjunto organizado e evolutivo de percepções acerca do individuo, para Combs (1971) é a organização das percepções acerca de si mesmo que faz o individuo ser quem é. (Formosinho & Pinto, 1986).

Na óptica de Purkey (1970) é um sistema de crenças complexo e dinâmico que o individuo mantém acerca de si mesmo, sendo a cada crença atribuído um valor positivo ou negativo.

Segundo a interpretação de Shavelson, é a percepção que a pessoa tem de si própria formada na sua experiencia com o ambiente e com “outros significativos”, considerando a utilidade do auto conceito individual na explicação e predição do comportamento.

Conjetura-se que a percepção que o individuo tem de si mesmo influencia a sua maneira de agir, e que os actos influenciam a sua auto percepção. (Formosinho & Pinto, 1986)

Considerando o contexto escolar como o ambiente em que os jovens passam a maior parte do seu tempo é fundamental para o desenvolvimento da comunidade escolar, trabalhar as competências sociais, emocionais e académicas de cada um contribuindo para a manutenção ou alteração do seu auto conceito. A escola, é palco não somente de instrução, mas também de socialização e educação. (Sampaio, 2010).

Segundo Sanmarti (1988), e por referência a Gomes (2003) é de salientar a importância da escola como promotora da educação e da saúde, de forma a atingir os alunos em fase de formação física, mental e social e também devido à receptividade na aprendizagem de hábitos e assimilação de conhecimentos. Da mesma forma que o aluno adquire conhecimentos

científicos e hábitos sociais que lhe permitem enfrentar os problemas da vida e em comunidade, deve também aprender e adquirir hábitos de saúde em geral que lhe permitam alcançar o maior grau possível de saúde física, mental e social,

Assim, a literatura da especialidade (Hatzimoysis, 2011; Sampaio, 2010) referem o auto conceito como uma das variáveis importantes a ter em consideração quando se estudam os processos de aprendizagem e desenvolvimento escolar.

A adolescência é uma etapa em que múltiplos desafios se colocam e que exigem uma construção e consolidação de aspectos ligados à identidade e à procura do sentido da vida (Simões, 2002).

O auto conceito e a auto estima, como construtos multidimensionais aglutinadores de sentimentos, competências, capacidades e desiderabilidade social, representam os elementos centrais da personalidade, organizadores da acção, facilitadores ou inibidores da adaptação e superação de desafios (Peixoto, 2004).

Podemos constatar que as experiências académicas de sucesso ou fracasso afectam significativamente o auto conceito do aluno.

Assim, Ireson e Hallam (2009) consideram que o auto conceito produz maior influência que o rendimento escolar na determinação e capacidade de ultrapassar obstáculos e aceitar desafios.

Alunos mais motivados expressam atitudes mais positivas em relação ao futuro, percebem mais claramente a importância das aprendizagens escolares, mostram-se mais interessados em tarefas e realizações académicas, considerando que os seus sucessos são fruto de causas estáveis e do esforço pessoal (Costa, 1991).

Do mesmo modo, os alunos mais populares são melhor aceites pelos pares, devido ao sentimento positivo que sentem sobre si mesmos, e tendem a participar mais nas actividades de grupo e a cooperarem mais com os outros.

Considera-se assim, que o percurso escolar não é linear, mas sim alicerçado nas vivências de cada um e das suas percepções, e como uma realidade a assumir de forma natural por qualquer um. (Lopes, 2005).

Deste modo é importante que os alunos ao transitarem de ciclo possuam uma percepção positiva de si próprios e sobre as suas vivências

escolares de forma a combater o insucesso escolar e as dificuldades que possam ser sentidas no início de mais uma nova fase.

Esta dissertação encontra-se assim estruturada em quatro partes. Na primeira parte foi realizado o enquadramento teórico, repartido por três subcapítulos. No primeiro capítulo foi definido o auto conceito, auto estima e a ligação destes com o desenvolvimento da aprendizagem. O segundo capítulo, corresponde aos objectivos e metodologia, onde se especificam as questões de investigação. No terceiro capítulo, descreve-se e enuncia-se a amostra, referindo os instrumentos, procedimentos bem como, a análise e discussão dos dados. O quarto e último capítulo, destinou-se às reflexões finais.

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Auto Conceito e Auto Estima

O desenvolvimento do indivíduo é um processo que ocorre ao longo do ciclo de vida e que diz respeito ao ser humano como um todo, envolvendo os aspectos biológicos, cognitivos, sociais e emocionais. Deste modo, o desenvolvimento do auto conceito acontece em simultâneo com o desenvolvimento do raciocínio, da linguagem e com a tomada de consciência do indivíduo como membro da sociedade.

De acordo com Vaz Serra (1988) o auto conceito pode ser definido como a percepção que o indivíduo tem de si próprio. Esta concepção segundo Shrauger & Shoeneman (1979) e citando Vaz Serra (1988) sofre a influência que quatro particularidades que vão auxiliar o auto conceito na sua construção: o modo como os outros observam o indivíduo, este aspecto privilegia que o indivíduo desenvolve uma espécie de fenómeno de espelho observando-se da forma como os outros o consideram; outra variável diz respeito ao entendimento que o indivíduo guarda face ao desempenho em situações particulares e específicas, construindo um julgamento de carácter competente ou incompetente; outra influência é representada pelo confronto da conduta do sujeito com os pares sociais com quem se encontra identificado; a derradeira variável deriva da avaliação de um comportamento específico em função de valores veiculados por grupos normativos.

Como constructo apresenta utilidade como elemento integrador e aglutinador de conceitos como a auto estima. Esta podendo ser considerada associada ao sentido de competência ou de eficácia ou ao sentido de virtude e valor moral (Vaz Serra, 1988).

De acordo com White (1959, 1960 e 1963) a auto estima na infância está ligada a sentimentos de eficácia e posteriormente ao sentido geral de competência (cit por Harter, 1985).

Já numa perspectiva clinica, podemos afirmar segundo Fitts (1972) que o auto conceito é sensível ao bom e mau ajustamento geral do indivíduo, aos distúrbios de personalidade e transtornos neuróticos e psicóticos (Vaz Serra, 1988).

Neste caso, associa-se ao sentido de valor pessoal, tendo por consequência julgamentos em que o sujeito atribui a aspectos positivos ou

negativos, ligando-se a outras emoções como a vergonha ou orgulho, aspectos que podem ser facilitadores ou inibidores de acção (Vaz Serra, 1988).

A premissa de Wells & Marwell (1976) considera a sua construção a partir de acontecimentos pessoais que permitem descrever, explicar e prever o comportamento humano através da idealização que o sujeito edifica de si próprio. Como parte constituinte deste constructo consideram-se as auto-imagens, produto das observações em que o indivíduo se integra como objecto da própria percepção e que o indivíduo utiliza nas várias esferas da sua vida, como filho, cônjuge, profissional.

Tanto em jovens como em adultos se compreende de uma maneira geral que se desenvolvam estratégias protectoras nas quais os indivíduos fazem atribuições de valor.

Estes desafios contribuem para aspectos ligados à construção de identidade.

Como constructo central e abrangente, inclui ideias, pensamentos, atitudes, sentimentos, auto aceitação das capacidades e características físicas.

Considerada como uma das variáveis psicológicas de implicação directa no comportamento, no desempenho e ajustamento individual, e de carácter mediador de outras relações e variáveis como o nível de ansiedade, locus de controlo, expectativas e rendimento escolar.

Segundo a concepção de Vaz Serra, o auto conceito é compreendido em duas ópticas distintas, o auto conceito real quando o indivíduo se descreve como realmente é, e o auto conceito ideal na forma como desejaria ser.

Para Shavelson & al. (1976) o auto conceito geral é segmentado em quatro tipos distintos: auto conceito académico, social, emocional e físico. Cada um deles significativo em diferentes áreas.

Segundo Markus (1977) os indivíduos formam esquemas mentais que gradualmente se vão tornando resistentes à informação que consideram inconsistente, existindo por isso uma tendência para o conservadorismo cognitivo, organizador das percepções, memórias e esquemas de referência e de importância crucial na formação das identidades significativas para o indivíduo (Vaz Serra, 1988).

Shavelson & Bolus (1982) concebem o auto conceito como

constructo estruturado e organizado, pela tendência do indivíduo em categorizar a vasta informação que sobre si incide.

Variável de valor inegável para o estudo do comportamento humano, de influência na dimensão clínica, educacional e social, foi com o contributo de William James, no final do século XIX, que se verificaram as primeiras investigações de modo mais sistemático e numa perspectiva psicológica. Este autor considerou que o self do indivíduo se encontrava dividido entre o “The I”, e o “The Me”.

O “The I” corresponderia ao Eu conhecedor, ao aspecto do Eu que subjectivamente organiza e interpreta a experiência do indivíduo, do Eu como sujeito. É através do “The I” que o sujeito percebe, pensa e reflecte quer sobre a realidade envolver quer sobre ele próprio.

Assim que o indivíduo se tornasse ele próprio alvo do conhecimento, o sujeito seria o objecto, o “The Me” simbolizando o Eu enquanto conhecido, o Eu como objecto. Assim, podemos afirmar que o “I” é responsável pela construção do “The Me”, sendo este último a imagem que o sujeito tem de si, ou seja, o auto conceito (Lopes,2006).

O Me abarca três elementos centrais, organizados hierarquicamente desde o nível básico ao mais elevado: o self material que engloba o self corporal e os seus objectos, o self social, das percepções que os outros têm do sujeito e o self espiritual, que envolve os pensamentos, aspectos morais.

Este autor, ao introduzir a noção de auto estima, afirma que o valor que o sujeito atribui a si próprio decorre da relação de papéis desejados e desempenhados, com ênfase na importância da multiplicidade, concordância ou discordância entre os aspectos sociais do self (Costa, 2001).

1.2 Auto Conceito, Desenvolvimento e Aprendizagem

A adolescência, do latim *adolescere* significa crescer, associada à fase do desenvolvimento humano que se situa entre a infância e a vida adulta, e que corresponde normalmente ao período entre os 11 e os 19 anos de idade, não sendo estanque uma vez que só estará concluída depois de o jovem concretizar uma série de tarefas desenvolvimentais. É concebida como uma etapa de transição entre a dependência da infância e as responsabilidades da vida adulta atribuída ao jovem.

Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade
Sandra Maria Santos Rodrigues Tátá (sandra.tt@sapo.pt) 2014

O seu reconhecimento percebido como parte integrante do desenvolvimento é recente.

Em termos históricos, os 12 ou 13 anos eram considerados como etapas de assunção de responsabilidade e de desempenho de papéis ligados à vida adulta. Sómente no último século e através da educação pública que se redefiniu a adolescência como distinta da idade adulta.

Actualmente é compreendida como um período em que os jovens após as várias etapas de maturação, constroem a sua identidade, os seus pontos de referência, os seus percursos pessoais, profissionais e projectos de vida.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a adolescência compreende o período entre os 11 e os 19 anos, desencadeado por mudanças fisiológicas e corporais fruto da maturação fisiológica.

A adolescência era encarada por Stanley Hall, pai da psicologia do adolescente, como um importante estágio da evolução humana, evolutivo do desenvolvimento que por influência das teorias evolucionistas de Charles Darwin, considerava que o indivíduo experienciava todos os estádios anteriores de desenvolvimento uma segunda vez mais a um nível mais complexo (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Autores como Muuss (1976), Sprinthal & Collins (1994) e Ferreira (1995) referem que Hall postulava que na adolescência o indivíduo passava por um novo nascimento, marcado por mudanças significativas, que culminariam com uma nova personalidade, diferente da personalidade da infância. O mesmo, considerava a adolescência como um período de tensão e agitação.

O adolescente nesta etapa de vida consolida a consciência de si mesmo, através da importância dos seus actos e da sua relação com o meio.

È uma fase onde ocorrem transformações físicas, psicológicas, sociais e cognitivas necessárias ao próprio crescimento sendo que as modificações ocorridas nesses domínios conduzem a alterações no modo como o jovem se percebe (Braconnier & Marcelli, 2000).

Já de acordo com Piaget, o desenvolvimento cognitivo desenvolve-se em estádios, encontrando-se o adolescente no estágio das operações formais.

Neste estágio o adolescente realiza operações concretas e formais, utilizando o pensamento formal onde predomina o pensamento abstracto, ou seja, a capacidade de despreendimento do real e a capacidade de raciocinar,

de dedução sem se apoiar em factos directamente observados e concretos (Sprintall & Collins, 1994).

O adolescente possui assim, pensamento organizado, hipotético-dedutivo pela exploração de hipóteses fruto da observação de acontecimentos imediatos.

Este estágio é de particular relevância visto ser o momento em que o jovem reflecte, equaciona e coloca hipóteses sobre diversos tipos de conhecimento. Segundo Piaget, a influência neurológica e ambiental promove a maturidade cognitiva. O cérebro do adolescente já amadurecido e num ambiente social mais alargado, oferece mais oportunidades para a experimentação e crescimento cognitivo (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Nas relações sociais, o adolescente passa inicialmente por um processo caracterizado como fase de interiorização, numa primeira instância confundido como comportamento anti-social, adquirindo *a posteriori* o equilíbrio entre o pensamento e a realidade, ao compreender a importância da reflexão para a sua acção sobre o mundo real.

A perspectiva psicossocial do desenvolvimento de Erikson, é construída segundo as premissas de Freud, que equacionava o indivíduo como ser social mas acima de tudo como uma entidade que vive em grupo e que sofre a pressão e influência deste, mas reformulando os seus conceitos.

Assim como Freud, Erikson, considerou a distribuição do desenvolvimento humano por estádios, observando que a construção da personalidade realizada na infância não é estanque, podendo ser modificada por experiências posteriores. Para este autor em cada estágio, o ego passa por um período de crise que pode ter um desfecho positivo, ressurgindo um ego mais rico ou negativo, conduzindo à fragilidade do ego. A personalidade assim, vai-se reestruturando e o ego adaptando-se aos sucessos e fracassos. Dos oito estádios considerados por Erikson, o estágio da Identidade/ Confusão de Identidade, circunscrito à fase da adolescência é assumido por este autor como uma etapa de crise na identidade fruto de todas as transformações físicas e psicológicas que o adolescente atravessa. As crises surgem de acordo o tempo de maturação e devem ser resolvidas de forma satisfatória para permitir um saudável desenvolvimento do ego (Papalia, Olds & Feldman,).

Neste sentido a Escola é o contexto de experiência central na vida

dos adolescentes, oferecendo oportunidades de aprendizagem e aperfeiçoamento de novas competências, exploração de escolhas vocacionais alargando horizontes intelectuais e sociais.

O auto conceito é considerado como uma variável fundamental a considerar nos processos de aprendizagem e desempenho escolar.

Segundo Gottfredson (1985) o auto conceito é perspectivado como uma constelação de percepções e avaliações que os indivíduos fazem de si mesmos, e considerada segundo a identidade, ou seja, face ao conteúdo das percepções e crenças pessoais acerca de si próprio e a auto estima, respeitante ao modo como o individuo se avalia ou sente em relação a si mesmo.

Na sua relação com a aprendizagem ou rendimento escolar, considera-se como factor decisivo de inteligibilidade na compreensão do auto conceito. Dessa relação complexa, os resultados das investigações sobre a associação entre auto conceito geral e rendimento escolar são ambíguos e contraditórias.

Há estudos que verificam a existência de relações positivas, significativas e persistentes entre o auto conceito e rendimento escolar, considerando que os alunos com dificuldades de aprendizagem manifestariam um auto conceito mais pobre (Lopes, 2006).

Outros estudos constataam que a escola, desde os primeiros anos até ao ensino superior, falha na facilitação de condições promotoras do desenvolvimento dos seus alunos. Sprinthall e Mosher (1971) referem que as escolas secundárias valorizam substancialmente os valores extrínsecos (o fazer, mais do que o questionar), induzindo por isso a motivações negativas em relação à aprendizagem. (Costa, 1991).

1.3 Auto Estima

O auto conceito é muitas vezes utilizado como sinónimo de auto estima. No entanto, segundo Vaz Serra, a auto estima é uma componente do auto conceito (Vaz Serra, 1988).

Tratando-se de uma dimensão fundamental do desenvolvimento humano, todos os indivíduos se esforçam por desenvolver e manter a auto estima. Aqueles que segundo Branden (1969) não desenvolvem um sentido adequado de auto estima tendem a mascará-la, pelos mecanismos de defesa a

Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade

Sandra Maria Santos Rodrigues Tátá (sandra.tt@sapo.pt) 2014

que o autor chama de auto estima inautêntica (Battle, 1990).

Na verdade, a auto estima diz respeito ao valor que o individuo atribui a si mesmo, estando intimamente ligada a aspectos cognitivos, emocionais e sociais da personalidade. Considerada assim, como componente fundamental do auto conceito, postula que indivíduos com elevada auto estima são mais alegres enquanto que, indivíduos com baixa auto estima apresentam habitualmente dificuldades na realização escolar e noutros contextos (Harter, 1999) situação espiralar tendo em conta que o baixo rendimento ao nível global incrementa a diminuição da auto estima e do auto conceito académico.

A auto-estima diz respeito a uma auto-avaliação global do individuo, incluindo sentimentos de satisfação ou insatisfação consigo próprio (Manning, 2007). Deste modo, a auto estima é uma componente afectiva das representações e crenças que o individuo tem de si.

Como particularidade do auto conceito e de grande relevância do ponto de vista clínico, pode ser definida como a avaliação que o indivíduo faz de si, das suas qualidades, desempenhos, virtudes e valor moral. As pessoas com auto estima elevada julgam-se competentes ou eficazes, enquanto que as pessoas com baixa auto-estima manifestam tendência à depreciação. Pelas suas características, a auto estima encontra-se intimamente associada a fenómenos de compensação ou descompensação emocional do indivíduo, revelando a prática clinica que as pessoas com auto estima baixa descompensam com mais facilidade do que as que apresentam auto estima elevada (Vaz Serra, 1988).

Rosenberg definiu a auto estima como (...) ”uma atitude positiva ou negativa relativamente a um objecto particular, a saber, o self (Rosenberg, 1965 cit por Santos, P.J. & Maia, J.)

Já para Rogers (1951), a auto estima é uma estrutura organizada de percepções conscientes do self (Battle, 1990).

Segundo Bryne (1974) a definição deste constructo passa pela colecção de atitudes, julgamentos, valores que o individuo possui acerca do seu comportamento, habilidades e na forma como se descobre e se auto avalia (Battle, 1990).

Os pais segundo Battle, são os maiores promotores da auto estima dos filhos, exercendo um importante efeito na forma como interagem com os

seus descendentes (Battle, 1990).

A auto-estima está associada ao sucesso académico, como variável mediadora, quer como resposta ao problema do papel da escola no desenvolvimento da personalidade do indivíduo

A sua relação com o sucesso académico é complexa, considerada por muitos autores como melhor preditor de sucesso académico, comparativamente às medidas de inteligência.

O seu desenvolvimento é gradual, ocorrendo de acordo com a maturação da criança e na sua interacção com outros que considera importantes, inicia-se assim no decorrer do primeiro ano de vida, estabilizando por volta dos dez anos de idade (Battle, 1990).

Coopersmith (1967) propôs as seguintes características que considerava ser associado a indivíduos detentores de auto estima elevada:

- São mais efectivos no atendimento às demandas ambientais que os indivíduos com baixa auto-estima;
- Elegem posições mais activas e assertivas em confronto com as diligências ambientais;
- São possuidores de auto respeito, superioridade, orgulho, auto aceitação e amor próprio;
- Têm maior autonomia e confiança perante o sucesso;
- São mais populares com os seus pares e altruístas
- Participam em actividades exploratórias e independentes;
- Defendem-se de ameaças e tentativas de humilhação potenciadas por outros;
- Confiam nas suas habilidades por forma a resistirem a implicações negativas ou julgamentos sociais. (Battle, 1990).

Já em relação à baixa auto estima o mesmo autor evidenciou as seguintes características nos indivíduos:

- Experienciam situações de distress;

- Constituem-se como mais intrapunitivos e passivos na adaptação ao ambiente;
- Vivenciam sentimentos de inferioridade, timidez e submissão;
- Exibem elevados níveis de ansiedade, sintomas psicossomáticos e sintomas depressivos;
- Promotores da privação social, sentindo maior dificuldade em estabelecer laços de amizade; são pouco resistentes às pressões sociais; a fim de evitar confrontos com os pares, furtam-se à expressão das suas próprias opiniões mesmo quando consideram o seu julgamento correcto;
- São membros “invisíveis” de um grupo, possuindo raramente características de liderança. (Battle, 1990).

Na óptica de Bernard & Joyce (1984) a cronicidade da auto estima negativa pode ter sérias implicações para o aluno.

Thomas e Paterson (1965) demonstram que são as medidas específicas escolares, o auto conceito académico preditores do sucesso, ou seja, a auto imagem académica é um preditor mais adequado do sucesso académico do que uma medida geral da auto imagem (Simões,2002).

Segundo Silverman e Zigmond (1983) um aluno com dificuldades de aprendizagem tem uma inteligência média ou até superior, e por conseguinte consciência que não aprende da forma esperada pelos progenitores e professores.

Já as investigações de Chapman e Boersma, 1980, Silverman e Zigmond (1983) não consideram a existência de uma relação significativa entre medidas de auto conceito geral e rendimento ou aprendizagem escolar.

Na óptica de Chapman e Boersma (1980) consideram como hipótese que, os alunos com resultados negativos são capazes de retirar indicações mais positivas do seu valor pessoal relativamente a outras esferas da sua vida, tais como as áreas extra curriculares.

Para Coleman (1985) a evidência do fracasso escolar de repercussões no auto conceito, poderá depender da importância do sucesso escolar como aspecto relevante na definição da auto imagem do aluno.

O auto conceito escolar é mais negativo em alunos mais velhos e com Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade

fraco desempenho provavelmente devido ao sentimento de fracasso acumulado.

Considerado um construto complexo e de várias dimensões, para Shavelson e col. (1976) afiliado ao auto conceito geral encontra-se o auto conceito escolar, que se subdivide em áreas específicas como a matemática, leitura ou história e um auto conceito não escolar onde se associam os aspectos físicos, emocionais e sociais.

Segundo Piers-Harris, “o auto conceito escolar refere-se às percepções e avaliações das capacidades que o aluno julga possuir para realizar as tarefas escolares, em comparação com outros alunos da mesma classe” transcrito por Vaz Serra & Simões, (1987).

A proposição de Burns (1982) preconiza que o auto conceito escolar definido no final do primeiro ciclo, é importante na determinação do envolvimento em actividades escolares e poderá constituir um bom índice de prognóstico em actividades não intelectuais.

È relevante a valorização ou atribuição de importância que o individuo faz dos seus desempenhos escolares e que o auto conceito negativo aumenta a possibilidade de um auto conceito geral igualmente negativo.

Alunos com auto conceito negativo irão interpretar as acções dos outros de forma desagradável e desenvolvendo expectativas negativas.

Shavelson e colaboradores, consideram que o individuo possui conceito de si através da sua própria percepção, das suas competências demonstradas em diversos contextos e através da experiência e interpretações que o individuo elabora do meio e que são influenciadas pelos reforços e atribuições que projetamos no nosso próprio comportamento (Vaz Serra & Simões,1987).

II - OBJECTIVOS E METODOLOGIA

Com a realização deste trabalho pretendemos investigar a relação entre auto conceito, auto estima, sexo, retenções, habilitações dos progenitores, dificuldades de aprendizagem, da amostra de alunos do 9º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas da Mealhada.

2.1 Objectivos e Questões de Investigação

Este estudo pretende analisar a relação entre auto conceito e auto estima dos alunos que se encontram face ao contexto escolar num momento de transição de ciclos (9º ano). De maneira que, caso haja tal associação, esses aspectos possam futuramente ser trabalhados em contexto escolar através de programas de intervenção mais eficazes.

Partindo deste objectivo principal é possível formular algumas questões de investigação, às quais se pretende responder neste estudo.

1. Conhecer a associação entre auto estima e auto conceito e as diferenças de género em estudantes do 9º ano de escolaridade.
2. Conhecer a associação entre a auto-estima e auto conceito e o número de retenções observados nos alunos do 9º ano de escolaridade.
3. Conhecer a associação entre a auto-estima e auto conceito e as diferenças de acordo com as habilitações dos progenitores.
4. Conhecer a associação entre auto-estima e auto conceito e as diferenças observadas nas dificuldades de aprendizagem.

Deste modo, na segunda parte iremos descrever a metodologia adotada para analisar essas associações, assim como, os resultados obtidos através da análise estatística realizada com o programa informático *IBM SPSS Statistics* versão 22.

Por fim, serão discutidos esses resultados com base em estudos realizados anteriormente.

Esta investigação adoptou uma metodologia não experimental considerando o seu pressuposto, ou seja, o objectivo de observação de

Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade
Sandra Maria Santos Rodrigues Tátá (sandra.tt@sapo.pt) 2014

fenómenos que ocorrem em contexto natural para posteriormente analisá-los, contrariamente às que ocorrem nas investigações experimentais onde as variáveis independentes sofrem manipulações intencionais.

No que diz respeito á recolha de dados, esta foi efectuada num único momento.

No que diz respeito á metodologia utilizada na análise dos dados esta foi de carácter quantitativo, uma vez que os objectivos da investigação prendem-se com o estabelecimento de relações de causa-efeito analisados através das respostas às escalas de auto conceito e auto estima. Aplicaram-se os testes de *t de Student* para a realização das análises descritivas e paramétricas e o teste U de Mann-Whitney para as análises não paramétricas.

III - AMOSTRA/ PARTICIPANTES

A amostra foi retirada da população do Agrupamento de Escolas da Mealhada, sendo constituída por 126 sujeitos a frequentarem no ano lectivo de 2013/14 o 9º ano de escolaridade e residentes no concelho da Mealhada.

Tabela 1. Características Sociodemográficas da Amostra

	N	%
Sexo		
Masculino	59	46.8
Feminino	67	53.2
Ano de Escolaridade		
9º Ano	126	100
Habilitações Literárias do Pai		
	14	11.1
2º Ciclo		
Ensino Básico	64	50.8
Ensino Secundário	38	30.2
Licenciatura	10	7.9
Habilitações Literárias da Mãe		
2º Ciclo	12	9.5
Ensino Básico	42	33.3
Ensino Secundário	53	42.1
Licenciatura	17	13.5
Mestrado	2	1.6
Retenções		
Sem retenção	100	79.4
Com retenção	26	20.6
Dificuldades de Aprendizagem		
Sem Dif. Apend.	122	96.8
Com Dif. Apend.	4	3.2
	M	DP
Idade	14.5	0.68

Na Tabela 1 são apresentadas as características sociodemográficas da amostra.

A amostra em estudo é constituída por 126 sujeitos (n=126) que frequentaram no ano alectivo de 2013/14, o 9º ano de escolaridade e cuja média de idade foi de 14,50 anos (DP 0.68).

Destes sujeitos, 59 (46.8%) pertencem ao sexo masculino e 67 (53.2%) ao sexo feminino.

Da amostra total, 100 sujeitos (79.4%) não apresentam retenções, comparativamente a 26 sujeitos (20.6%) que obtiveram pelo menos uma retenção.

Relativamente às Dificuldades de Aprendizagem, 122 sujeitos (96.8%) não apresentam dificuldades de aprendizagem, enquanto que, 4 sujeitos (3.2%) possuíam dificuldades de aprendizagem.

Considerando as habilitações literárias do pai, em 14 casos (11.1%), o pai tinha habilitações correspondentes ao 2º ciclo, em 64 casos, o pai possuía habilitações até ao ensino básico (50.8%), 38 sujeitos tinham o pai com licenciatura (17.9%).

Considerando as habilitações da mãe, verificou-se que em 12 sujeitos a mãe possuía como habilitações ao nível do 2º ciclo (9.5%), em 42 casos (33.3%) possuíam até ao ensino básico, em 53 sujeitos tinham mães com habilitações até ao ensino secundário (42.1%) e 17 tinham licenciatura (13.5%).

3.1 Instrumentos

A recolha de informação foi realizada através dos instrumentos de avaliação Piers-Harris Children's Self-concept Scale (PHCSCS-2) (Veiga, 2006) sendo esta uma escala de auto conceito, e da escala de auto estima, de Rosenberg (Veiga,1989) de modo a analisar a importâncias destes constructos e sua relação com as variáveis sexo, retenções, habilitações literárias dos progenitores e dificuldades de aprendizagem.

No que concerne ao PHCSC-2, este foi originalmente desenvolvido na década de 60 por Piers e Harris e revisto por Piers na década de 80.

O instrumento foi á posteriori, reduzido a 60 itens com o objectivo de

Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade
Sandra Maria Santos Rodrigues Tátá (sandra.tt@sapo.pt) 2014

aumentar as qualidades psicométricas e a facilidade de utilização da escala.

Esta escala apresentada então em 60 itens, permite avaliar seis factores e abordar todas as dimensões do auto conceito: aspecto comportamental (AC) estatuto intelectual e escolar (EI) aparência e atributos físicos (AF), ansiedade (NA), popularidade (PO), satisfação e felicidade (SF).

Esta última versão, adaptada ao contexto português foi a versão utilizada nesta investigação.

O Factor I diz respeito ao Aspecto Comportamental (AC) e é constituído por 13 itens (12, 13, 14, 18, 19, 20, 27, 30, 36, 38, 45, 48 e 58) que se referem á percepção que o sujeito tem do seu comportamento nas diversas situações e á percepção que o mesmo tem da responsabilidade face às suas atitudes quer na escola quer no seio familiar.

Por outro lado, o Factor II reporta-se ao Estatuto Intelectual e Escolar (EI) expõe 13 itens (5, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 34, 39, 43, 50, 52 e 55) que permite a análise do modo como o individuo se observa quanto ao rendimento nos trabalhos escolares. Tem correspondência com a ideia que o pares têm dele como elemento integrante da turma, devido á sua capacidade de aprendizagem e às suas ideias.

O Factor III recai sobre a aparência e atributos físicos (AF) e abarca 8 itens (8, 9, 15, 33, 44, 46, 49 e 54) e cujo intuito é a análise do que o individuo pensa acerca do seu aspecto físico.

O Factor IV incide na ansiedade (NA) e é apresentado em 8 itens (4, 7, 10, 17, 23, 29, 56, e 59) que aludem á dúvida, aos medos, inquietações e intranquilidades com que o sujeito se observa e enfrenta as situações. Está relacionado com juízos negativos e emoções.

Por outro lado, o Factor V comporta 10 itens (1, 3, 6, 11, 32, 37, 41, 47 e 57) relativos á popularidade (PO) e que dizem respeito á forma como o individuo se vê nas relações com os pares, na capacidade de estabelecer relações de amizade, ao nível de popularidade e á forma como se sente envolvido e desejado nas actividades de grupo.

Por último o Factor VI, satisfação e felicidade (SF) engloba 8 itens (2, 28, 31, 35, 40, 42, 53 e 60) que corroboram a satisfação que o individuo evidencia por ser como é, estando mesmo associado ao grau de felicidade em geral (Paiva, 2009 LILI).

No que se reporta á forma de pontuação desta escala, as classificações superiores equivalem a um auto conceito mais elevado, sendo necessário para a obtenção dos resultados de executar uma prévia inversão dos valores numéricos dos itens inversos (1, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 23, 25, 27, 29, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 43, 45, 47, 48, 51, 52, 56, 57, 58 e 59). Deste modo, é atribuído 1 ou 0 pontos caso a resposta demonstre uma atitude positiva ou negativa face a si próprio (Veiga, 2006).

De outra forma, no que respeita á escala de auto estima de Rosenberg

Utilizou-se a versão reduzida e de adaptação portuguesa, da escala Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHSCS-2) originalmente criada e desenvolvida pelo psicólogo americano Piers (1964,1984).

Aplicou-se também a escala de auto estima de Rosenberg, para avaliação da auto estima global.

Considerada como uma das mais antigas escalas de avaliação da auto estima global a Rosenberg Self Esteem Scale é constituída por 10 itens de orientação positiva (e.g. Globalmente estou satisfeito comigo próprio) e itens de orientação negativa (e.g. Sinto que não tenho muito com que me orgulhar). Originalmente construída como escala de Guttman, a maioria dos investigadores optam pelo formato Likert, como medida unidimensional é construída com base em afirmações relacionadas com sentimentos de auto estima e auto aceitação que avalia através das quatro alternativas de resposta, a auto estima global (Hutz & Zanon,2011). Embora pequena, esta escala é de grande precisão, evidenciando bons níveis de consistência interna e de estabilidade temporal.

Em termos de validade constatou-se a existência de correlações significativas com outros instrumentos e metodologias de avaliação da auto estima e com um conjunto de variáveis de natureza psicológica como a depressão, a ansiedade, a anomia e de satisfação com a vida (Romano, Negreiros & Martins, 2007)

3.2 Procedimento

Os questionários foram administrados no decurso do ano lectivo 2013/14, e respondidos maioritariamente entre o 2º e 3º período escolar.

O preenchimento dos questionários foi supervisionado pelas pessoas Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade
Sandra Maria Santos Rodrigues Tátá (sandra.tt@sapo.pt) 2014

envolvidas no estudo. A tarefa ocorreu nas horas dedicadas à orientação vocacional e com a colaboração dos alunos que voluntariamente e com a devida autorização dos Encarregados de Educação, tiveram à sua disposição o tempo necessário à sua realização.

3.3 Análise e Discussão dos Dados

Neste capítulo procedeu-se à análise e discussão dos resultados obtidos segundo cada questão de investigação apontada anteriormente.

A análise foi realizada através do programa *Statistical Package for the Social Sciences versão 22* (SPSS 22).

De forma a proceder á realização dos testes estatísticos necessários à refutação e confirmação das questões levantadas na presente investigação, tornou-se necessário efectuar as análises descritivas e inferenciais com recurso a testes paramétricos, não paramétricos e correlações de modo a observar se existiam diferenças estatisticamente significativas e analisar as relações entre as variáveis em estudo.

No sentido de descrever e comparar os resultados do grupo de estudo para os factores da Escala de Auto Conceito de Piers Harris, procedemos à comparação, descrição das médias, desvios padrão e respectiva comparação com os dados normativos para o sexo masculino e feminino.

Os resultados são apresentados nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2. Comparação entre os dados da amostra e os valores normativos para as dimensões da escala PHSCS-2 para o sexo masculino

	Grupo de Estudo (n=59)		Grupo Normativo		<i>t</i>
	M	DP	M	DP	
Aspecto Comportamental	10.78	2.37	9.48	2.69	4.21***
Ansiedade	5.34	1.64	5.13	1.72	.98
Estatuto Intelectual	8.83	2.69	8.05	2.74	2.23*
Popularidade	7.90	1.46	7.31	1.92	3.10**
Aparência Física	5.41	2.31	5.10	2.36	1.02
Satisfação-Felicidade	6.90	1.34	6.84	1.43	.34

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Os resultados apresentados na Tabela 2, identificam diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de estudo e os dados do grupo normativo nos seguintes factores:

Aspecto comportamental do grupo de estudo (M=10.78; DP=2.37) comparativamente aos resultados obtidos com o grupo normativo (M=9.48; DP=2.69) apresenta diferenças estatisticamente significativas $t(58)=4.21$; $p<.001$

Estatuto Intelectual do grupo de estudo (M=8.83; DP=2.69) comparativamente aos resultados obtidos com o grupo normativo (M=8.05; DP=2.74) e cujas diferenças são estatisticamente significativas $t(58)=2.23$; $p=.03$

Popularidade do grupo de estudo (M=7.90; DP=1.46) comparativamente aos resultados obtidos com o grupo normativo (M=7.31; DP=1.92) cujas diferenças são estatisticamente significativas $t(58)=3.10$; $p=.003$

Estes resultados permitem-nos inferir que os sujeitos da amostra possuem uma percepção positiva do seu comportamento, na forma como os pares os percebem e na maneira como o sujeito se vê nas suas relações sociais, ao nível da popularidade e envolvimento em actividades de grupo.

Tabela 3. Comparação entre o grupo de estudo e os valores normativos para os factores da Escala PHCSC-2 para o sexo feminino

	Grupo de Estudo (n=67)		Grupo Normativo		<i>t</i>
	M	DP	M	DP	
Aspecto Comportamental	10.76	2.26	9.74	2.32	3.70***
Ansiedade	3.07	2.05	3.97	2.07	- 3.58**
Estatuto Intelectual	8.28	3.45	8.13	2.96	.36
Popularidade	6.87	2.69	7.26	1.99	- 1.20
Aparência Física	4.87	2.36	4.49	2.28	1.30
Satisfação-Felicidade	6.70	2.44	6.69	1.53	.04

* $p<.05$ ** $p<.01$ *** $p<.001$

Os resultados apresentados na Tabela 3, identificam diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de estudo e os dados do grupo normativo nos seguintes factores:

As diferenças no factor aspecto comportamental do grupo de estudo (M=10.76;DP=2.26) comparativamente aos resultados obtidos com o grupo normativo (M=9.48;DP=2.69) são estatisticamente significativas. $t(66)=3.70$; $p<.001$

No factor ansiedade (M=3.07;DP=2.05) o grupo normativo pontuou abaixo comparativamente aos resultados obtidos com o grupo normativo (M=3.97;DP=2.07) e cujas diferenças são estatisticamente significativas $t(66)= -3.58$; $p=.001$

Tabela 4. Comparação entre os dados da amostra e os valores normativos para os factores da escala PHCSCS-2 para a amostra total

	Grupo de Estudo (n=126)		Grupo Normativo		t
	M	DP	M	DP	
Aspecto Comportamental	10.77	2.30	9.77	2.40	5.71***
Ansiedade	4.13	2.18	4.67	1.85	- 2.40*
Estatuto Intelectual	8.54	3.12	8.41	2.66	1.62
Popularidade	7.35	2.25	7.33	1.87	.35
Aparência Física	5.12	2.34	4.91	2.17	1.67
Satisfação-Felicidade	6.79	2.00	6.83	1.37	.13

* $p<.05$ ** $p<.01$ *** $p<.001$

Os resultados apresentados na Tabela 4 evidenciam diferenças estatisticamente significativas na amostra total entre o grupo de estudo e o grupo normativo em relação aos seguintes factores:

Aspecto comportamental (M= 10.77;DP=2.30) comparativamente aos resultados do grupo normativo (M=9.77;DP=2.40) $t(125)=5.71$; $p<.001$

Ansiedade (M=4.13;DP=2.18) comparativamente aos resultados do grupo normativo (M=4.67;DP=1.85) $t(125)= -2.40$; $p=.02$

Para analisar os valores pontuados pelos sujeitos nos questionários de auto estima, procedemos á análise descritiva das médias e desvios padrão para o sexo masculino, sexo feminino e amostra total.

Os resultados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5. Estatísticas descritivas da Auto Estima para o sexo masculino, sexo feminino e amostra total

	Sexo Masculino (n=59)		Sexo Feminino (n=67)		Amostra Total (n=126)	
	M	DP	M	DP	M	DP
Auto Estima positiva	5.42	2.00	6.09	2.25	5.78	2.15
Auto Estima negativa	8.07	3.14	9.43	3.60	8.79	3.45

Na tabela anterior verificamos que os sujeitos do género masculino pontuam em média 5.42, desvio padrão 2.00 na auto estima, comparativamente aos do do sexo feminino que obtiveram 6.09, desvio padrão 2.25 e a amostra total que apresenta uma pontuação média de 5.78, desvio padrão 2.15.

Para a dimensão da auto estima negativa, os sujeitos do sexo masculino pontuaram em média 8.07, desvio padrão 3.14, enquanto que, os do sexo feminino apresentaram uma pontuação média de 9.43, desvio padrão 3.60, e a amostra total um valor médio de 8.79, desvio padrão 3.45.

O género feminino comparativamente ao sexo masculino obteve maior pontuação em ambas as condições.

Tabela 6. Comparação entre as pontuações do sexo masculino e do sexo feminino nas dimensões da escala PHSCS-2

	Sexo Masculino (n=59)		Sexo Feminino (n=67)		t
	M	DP	M	DP	
Aspecto Comportamental	10.78	2.37	10.76	2.26	.05
Ansiedade	5.34	1.64	3.07	2.05	6.89***
Estatuto Intelectual	8.83	2.69	8.28	3.45	.98
Popularidade	7.90	1.46	6.87	2.69	2.63*
Aparência Física	5.41	2.31	4.87	2.36	1.30
Satisfação-Felicidade	6.90	1.34	6.70	2.44	.55

*p<.05 **p<.01 ***p<.001

Na tabela anterior verificámos que o sexo masculino obteve valores mais elevados na Ansiedade (M=5.34;DP=1.64) que o sexo feminino

($M=3.07; DP=2.05$) e estatisticamente significativos, assim como no factor Popularidade ($M=7.90; DP=1.46$) face aos resultados do sexo feminino ($M=6.87; DP=2.69$) e cuja diferenças são consideradas estatisticamente significativas ($t(124)=2.63; p=.01$)

Nas restantes dimensões não foram detectadas diferenças estatisticamente significativas.

Por forma a dar resposta ao primeiro objectivo do nosso estudo, podemos afirmar que os indivíduos do sexo masculino evidenciam valores superiores ao do sexo feminino nas dimensões Aspecto Comportamental, Estatuto Intelectual, Popularidade e Aparência Física. Apresentando por conseguinte valores inferiores ao do sexo feminino quer na auto estima positiva e auto estima negativa.

Tabela 7. Comparação entre as pontuações do sexo masculino e do sexo feminino nas dimensões da escala de Auto Estima (RSES)

	Sexo Masculino (n=59)		Sexo Feminino (n=67)		<i>t</i>
	M	DP	M	DP	
Auto Estima positiva	5.42	2.00	6.09	2.25	- 1.76
Auto Estima negativa	8.07	3.14	9.43	3.60	- 2.27*

* $p<.05$ ** $p<.01$ *** $p<.001$

Dos resultados da Tabela 7, conclui-se que em ambas as dimensões o sexo feminino obteve pontuações superiores ao sexo masculino, considerada como diferença estatisticamente significativa a auto estima negativa do género feminino ($M=9.43; DP=3.60$) comparativamente ao sexo masculino ($M=8.07; DP=3.14$) ($t(123,99)=-2.27; p=.025$)

Como ressalva, e devido ao facto de nas tabelas consequentes as amostras não possuírem o número mínimo exigido para a utilização do mesmo teste utilizado nas anteriores, aplicou-se o teste de μ de Mann-Withney.

Tabela 8. Comparação entre as pontuações nas dimensões da escala de Auto Conceito (PHSCS-2) em função da condição ter ou não retenções

	Sem retenção (n=100)		Com retenção (n=26)		U
	M	DP	M	DP	
Aspecto Comportamental	10.99	2.09	9.92	2.87	1046.50
Ansiedade	4.40	2.04	3.12	2.44	886.00*
Estatuto Intelectual	9.04	2.87	6.62	3.34	549.50**
Popularidade	7.66	2.08	6.15	2.54	889.50*
Aparência Física	5.40	2.14	4.04	2.78	930.50*
Satisfação-Felicidade	7.04	1.73	5.85	2.63	1013.00

*p<.05 **p<.01 ***p<.001

Da Tabela 8, podemos extrair as seguintes conclusões:

A Ansiedade dos sujeitos sem retenção (M=4.40;DP=2.04) é superior à apresentada pelos indivíduos com retenção (M=3.12;DP=2.44) diferença considerada estatisticamente significativa U = 886.00; p=.012

O Estatuto Intelectual dos sujeitos sem retenção (M=9.04;DP=2.87) é superior à apresentada pelos indivíduos com retenção (M=6.62;DP=3.34) diferença considerada estatisticamente significativa U = 549.50; p=.001

A Popularidade nos sujeitos sem retenção (M=7.66;DP=2.08) é superior á apresentada pelos sujeitos com retenção (M=6.15;DP=2.54) diferença considerada estatisticamente significativa U = 889.50; p=.012

A Aparência Física nos sujeitos sem retenção (M=5.40;DP=2.14) é superior á apresentada pelos sujeitos com retenção (M=4.04;DP=2.78) diferença considerada estatisticamente significativa U = 930.50; p=.024

Tabela 9. Comparação entre as pontuações nas dimensões da escala de Auto Estima (RSES) em função da condição ter ou não retenções

	Sem retenção (n=100)		Com retenção (n=26)		U
	M	DP	M	DP	
Auto Estima positiva	5.38	1.90	7.31	2.41	690.50***
Auto Estima negativa	8.17	3.20	11.19	3.37	667.50***

*p<.05 **p<.01 ***p<.001

A Auto Estima positiva dos sujeitos sem retenção (M=5.38;DP=1.90) é inferior á dos sujeitos com retenção (M=7.31;DP=2.41) e considerada estatisticamente significativa $U = 690.50$; $p < .001$

A Auto Estima negativa dos sujeitos sem retenção (M=8.17;DP=3.20) é inferior á dos sujeitos com retenção (M=11.19;DP=3.37) e considerada estatisticamente significativa $U = 667.50$; $p < .001$

Em forma de conclusão e de resposta ao segundo objectivo, podemos referir que face aos alunos com retenção, os alunos sem retenção obtiveram resultados mais perceptíveis em algumas dimensões do auto conceito, nomeadamente, na Ansiedade, Estatuto Intelectual, Popularidade e Aparência Física. Já relativamente à Auto Estima, o grupo com retenção obteve valores mais elevados na Auto Estima Negativa e Positiva.

Tabela 10. Comparação entre as pontuações nas dimensões da escala de Auto Conceito (PHCSCS-2) em função das habilitações literárias dos pais

	Ensino Secundário (n=103)		Estudos Superiores (n=23)		U
	M	DP	M	DP	
Aspecto Comportamental	10.67	2.26	11.22	2.50	917.50
Ansiedade	3.95	2.19	4.96	1.94	817.50*
Estatuto Intelectual	8.34	3.17	9.43	2.76	938.00
Popularidade	7.34	2.35	7.39	1.83	1169.50
Aparência Física	5.02	2.42	5.57	1.93	1058.00
Satisfação-Felicidade	6.78	2.12	6.87	1.32	1163.00

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Da análise efectuada à Tabela 10, podemos concluir que os níveis de Ansiedade são superiores nos sujeitos cujos pais possuem habilitações ao nível do ensino superior (M=4.96;DP=1.94) em comparação com os indivíduos cujos pais possuem habilitações até ao ensino secundário (M=3.95;DP=2.19) e essa diferença é estatisticamente significativa $U = 817.50$; $p = .046$

Tabela 11. Comparação entre as pontuações nas dimensões da escala de Auto Estima (RSES) em função das habilitações literárias dos pais

	Ensino Secundário (n=103)		Estudos Superiores (n=23)		<i>U</i>
	M	DP	M	DP	
Auto Estima positiva	5.86	2.17	5.39	2.06	1060.00
Auto Estima negativa	8.96	3.47	8.04	3.30	1015.00

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Da análise da tabela supra, podemos constatar que a Auto Estima positiva dos indivíduos cujos pais possuem habilitações ao nível do ensino secundário (M=5.86;DP=2.17) é superior em comparação aos indivíduos cujos pais possuem habilitações ao nível de estudos superiores (M=5.39;DP=2.06), resultados também verificados ao nível da Auto Estima negativa.

Em suma, e para dar resposta ao terceiro objectivo do nosso estudo, retiramos como conclusões que os indivíduos cujos progenitores possuem maior nível de habilitações, são mais ansiosos. Inversamente, os alunos cujos pais possuem habilitações até ao nível secundário obtiveram maiores resultados na Auto Estima negativa e positiva.

Tabela 12. Comparação entre as pontuações nas dimensões da escala de Auto Conceito (PHCSCS-2) em função da presença ou não de dificuldades de aprendizagem

	Sem Dificuldades de Aprendizagem (n=122)		Com Dificuldades de Aprendizagem (n=4)		<i>U</i>
	M	DP	M	DP	
Aspecto Comportamental	10.77	2.28	10.75	3.30	211.00
Ansiedade	4.11	2.14	5.00	3.46	172.50
Estatuto Intelectual	8.60	3.10	6.75	3.50	163.50
Popularidade	7.37	2.21	6.75	3.86	222.00
Aparência Física	5.11	2.31	5.50	3.70	191.00
Satisfação-Felicidade	6.82	1.95	6.00	3.37	243.00

Referente á tabela 12, não se verificaram pontuações suficientemente válidas que permitissem extrair resultados significativos á luz da análise estatística. Contudo e para responder ao último objectivo,

permite-nos verificar que os alunos sem dificuldades de aprendizagem possuem um estatuto intelectual superior comparativamente aos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Tabela 13. Comparação entre as pontuações nas dimensões da escala de Auto Estima (RSES) em função da presença ou não de dificuldades de aprendizagem

	Sem Dificuldades de Aprendizagem (n=122)		Com Dificuldades de Aprendizagem (n=4)		<i>U</i>
	M	DP	M	DP	
Auto Estima positiva	5.75	2.15	6.50	2.38	206.50
Auto Estima negativa	8.80	3.48	8.75	2.50	234.00

*p<.05 **p<.01 ***p<.001

IV - REFLEXÃO FINAL

Quando se planeia um plano de investigação, exortamos por resultados singulares e excepcionais que nos permitam extrair inferências sobre a unicidade e importância de tal estudo. Contudo, e por se tratar de um estudo que comporta uma análise quantitativa, encontramos-nos reféns quer da disponibilidade de quem pretendemos investigar, quer dos seus resultados e de múltiplos factores que ao investigador são externos e impossíveis de previsão.

Como ponto de interesse podem retirar-se os resultados da correlação entre a “ansiedade” e a “formação académica dos progenitores”. A Ansiedade, como fator que se reporta às dúvidas, medos, inquietações e intranquilidades com que o sujeito se confronta, relacionado com juízos e emoções negativas, permite-nos reflectir de novo sobre as projecções que a família faz sobre os filhos, na tentativa de influenciar os percursos e projectos de vida dos seus descendentes, muitas vezes á margem dos próprios gostos e interesses do aluno.

As pesquisas de Song & Hattie (1984) comprovam essa teoria, ao predizer que as características psicológicas da família (encorajamento, expectativas, actividades, interesses educativos em casa, a avaliação dos pais das qualidades intelectuais dos filhos, o uso de recompensas e punições) são influenciadoras e estão relacionadas com o auto conceito escolar. (Simões, Vaz Serra, 1988). Reagindo por vezes de forma negativa às dificuldades e insucessos dos filhos, reforçando as consequências nocivas das avaliações a que são submetidos na escola. Assim, quer os pais quer os professores, podem exercer uma influência nefasta sobre o auto conceito do adolescente, pela colocação de rótulos atribuídos de forma contingente a certo comportamento (Vaz Serra, 1985).

Em resultado, e citando Simões & Vaz Serra (1988) o adolescente pode ir interiorizando tais rótulos e entendê-los como características pessoais e que à posteriori podem influenciar os padrões das suas respostas emocionais.

Pela fase de mudança e ajustamento em que o adolescente se encontra, a ansiedade corresponde à relação de incapacidade e conflito entre a relação individuo-ambiente, que é sentido como ameaçador. A ansiedade constitui a experiência subjectiva do organismo e que emana fruto de Auto Conceito e Auto Estima – Sua importância para o desempenho académico numa amostra do 9º ano de escolaridade

situações com que o indivíduo enfrenta e que não conseguindo transpor as exigências do meio sente ameaça à sua existência ou aos valores que considera essenciais.

A literatura também indica que a ansiedade pode afetar a qualidade de vida dos adolescentes nas áreas: cognitiva, social, afetiva e relacionada à saúde (Batista & Oliveira, 2005). Futuramente seria interessante realizar um estudo longitudinal de modo a acompanhar as alterações ocorridas nas dimensões estudadas.

Propostas a considerar para a Intervenção:

A maior exigência das sociedades contemporâneas do que diz respeito à participação do indivíduo de forma cada vez mais activa, competitiva e criativa, cria a necessidade de estratégias promotoras do desenvolvimento, proporcionando aos jovens a capacidade de realizarem decisões autónomas e produtivas numa sociedade em permanente mudança.

O adolescente ao longo do seu desenvolvimento é confrontado com múltiplas decisões, seja na área de estudo e formação, profissão, independência dos pais, casamento, ocorrências essas que podem ser catalisadoras do conhecimento de si próprio e do desenvolvimento da sua identidade.

A idealização desta proposta passa segundo Caplan (1964) para além da mudança do indivíduo, pela conceptualização dos níveis de prevenção da saúde mental comunitária: prevenção primária, secundária e terciária (Costa, 1991).

De uma forma geral, dever-se-à apostar na promoção do desenvolvimento da identidade permitindo a exploração e o investimento.

A intervenção deverá criar condições para que a curiosidade seja incentivada.

Como a amostra da nossa investigação foi retirada dentro de um contexto escolar, e por tratar-se a adolescência de um período de desequilíbrio que pode ser catalisado no sentido do desenvolvimento e na medida em que os adolescentes passam grande parte do seu tempo na escola, este contexto é promissor para a criação de programas de intervenção (Costa, 1991).

Como sugestões para uma amplificação ao nível do desenvolvimento da identidade esboçamos alguns pontos de interesse a considerar:

Na tentativa de aprimorar o auto conceito, utilizar contingências de reforço do tipo das propostas pelo Princípio de Premack, pelo menos com os sujeitos mais novos e de forma a que os indivíduos vão modificando a forma menos boa que têm de si mesmo.

Fazer uso do treino da Auto-Imagem Idealizada (AII) criado com o intuito de propiciar uma identidade mais positiva, melhorar a auto estima e o sentimento de competência individual. Pode tornar-se útil na facilitação de uma maior autonomia em personalidades dependentes. Segundo Susskind (1970, cit por Vaz Serra, 1988) as pessoas fruto das próprias vivências aprendem a esperar fracasso e rejeição, estando particularmente atentas às suas inadequações e erros.

Promover o desenvolvimento da identidade.

Promover o desenvolvimento de competências de resolução de problemas, tomada de decisão, relacionamento interpessoal, comunicação, clarificação de valores, raciocínio moral e exploração vocacional.

Ensinar aos alunos mais acerca de si próprios, das suas emoções, relações pessoais para que lhes permitam uma maior consciência e questionamento acerca das diferenças entre a realidade objectiva e a percepção subjectiva que dela têm. Bem como na ponderação sobre as causas do comportamento, que irá facilitar o desenvolvimento da identidade e maior compreensão dos outros. Em suma, tal como se refere no ponto abaixo:

Promover a idiossincrasia, respeitando o individuo pelo direito a ser como é.

Uma vez que assumimos que a auto estima global é uma ideia mas também um conjunto de emoções, como um sentimento de afeto por si mesmo e não apenas um derivado de processos racionais (Brown & Marshall, 2006), podemos agir no sentido do seu fortalecimento e, desse modo, contribuir para melhores níveis de harmonia e desenvolvimento dos adolescentes.

Bibliografia

Assis, S. G. & Avanci, J. Q. (2004). Labirinto de espelhos. Formação da auto estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Barata, J. (2014). IV Congresso da Sociedade Portuguesa de Psicossomática: Tratar o Futuro – Um lugar para a saúde. 30-31 Maio 2014. Lisboa.

Batista, A.B. & Oliveira, S.M.S.S. (2005) Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes, *Psic:Revista da Vetor Editora*,2

Battle, J. (1990), 9 to 19 Crucial Years for self-esteem in children & youth, *Canadian Cataloguing*.

Brown, J. D., & Marshall, M. A. (2006). The three faces of self esteem. In M. Kernis (Ed.). *Self-esteem: Issues and answers* (pp.4-9). New York: Psychology Press.

Byrne, B. M. (1996). Academic self-concept: Its structure, measurement, and relation to academic achievement. In B. A. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Development, Social and Clinical Considerations* (pp. 287-316). New York: Wiley.

Cardoso, A. (1987) A importância do auto conceito na aprendizagem escolar, *Revista Portuguesa de Pedagogia*,21

Cordeiro, M. (2009) *O Grande livro do Adolescente, A Esfera dos Livros*

Cordeiro, M. (2009) *O Grande livro do Adolescente*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Costa, J.J.M. (2001) Autoconceito: Da diversidade conceptual à relação com o desempenho académico, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 35,2,103-136

Costa, M.E. (1991) *Contextos Sociais de vida e Desenvolvimento da Identidade*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Imprensa Nacional da Casa da Moeda

Formosinho, J.O. & Pinto, C.A. (1986) Auto estima, auto conceito académico alienação e sucesso escolar, *Desenvolvimento*, II (Nº Especial), 119-144

Harter, S. (1999) *Construction of the Self. A Developmental perspective*. New York: Guilford Press

Hatzimoysis, A. (2011) *Self-Knowledge*, Oxord University Press,7 (acedido em <http://escolarevisitada.blogspot.pt/2010/03/contra-escola-armazem.html>).

Lopes, R.C.C. (2006) O auto conceito revisitado, *Psychologica*,41,317-327

Origlia, D. & Ouillon, H. (1964): *A Adolescência: O Crescimento-A Formação da Personalidade-A Vocação Profissional- A Sexualidade – O Senso Moral – A influência do meio e da escola*, 3ª Edição, Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C.A. (Filhos), Lda

Manning, M. (2007) *Self Concept and Self Esteem in Adolescents* <http://www.principals.org/Portals/0/Content/55202.pdf>

Marques, C. & Costa, E. (1996) Atitudes face à escola, auto conceito de competência e rendimento escolar em alunos do 9º ano, *Social Sciences*, 1-18

Papalia, D.E., Olds, W.S. & Feldman, R.D. (2001) *O Mundo da Criança*, McGrawHill de Portugal

Peixoto, F. (2004) Qualidade das Relações familiares, auto estima, auto conceito e rendimento académico, *Análise Psicológica*,1, 235-244

Peixoto, F. & Almeida, L.S. (2010) A Organização do Autoconceito: Análise da Estrutura Hierárquica em Adolescentes, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (3),533-541

Pelletier, D., Bujold, C. & Noiseux, G. (1979) *Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal*, Editora Vozes

Romano, A., Negreiros, J. & Martins, T. (2007) Contributos para a validação da escala de auto-estima de Rosenberg numa amostra de adolescentes da região interior norte do país, *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8(1),109-116

Sampaio, D. (1996) *Voltei à Escola*. Lisboa: Editorial Caminho

Sanchez, F.J. & Roda, M.D. (2003) Relationships between self concept and academic achievement, *Electronic*

Santos, P.J. & Maia, J. (2003) Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto estima de Rosenberg, *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*,2,253-268

Simões, A. & Lima, M.P. (1992) Desenvolvimento do conceito de si escolar, em adultos analfabetos:Um estudo longitudinal, Revista Portuguesa de Psicologia, 28

Simões, M.C.T. (2002) Adolescência:Transição, crise ou mudança?, Psychologica,30, 407-429

Sprinthall Norman A. & Collins Andrew W. (2011), Psicologia do Adolescente-Uma abordagem Desenvolvimentista, 5ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian

Anexos

CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo.(a) Senhor/a:

Enquanto finalista do Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Sandra Maria Santos Rodrigues Tátá, encontra-se a realizar um trabalho de investigação integrado na Dissertação de Mestrado, sob a orientação da Doutora Maria Jorge Ferro, com o qual pretende conhecer e compreender a relação entre auto conceito, auto estima e desempenho académico.

Por este meio, solicita-se a sua colaboração para responder ao seguinte protocolo de investigação:

- Dados Sócio Demográficos;
- Escala de Auto Conceito Piers Harris (PHCSCS-2);
- Escala de Auto Estima de Rosenberg (RSES);

Garantimos o anonimato na utilização dos dados e informações recolhidas.

Após a leitura atenta do presente Consentimento Informado, declaro que li e autorizo a utilização dos dados constantes da minha participação nesta investigação (Coloque, por favor, um visto no quadrado que a seguir se apresenta e assine este documento).

Li e aceito participar na investigação acima descrita

Anexo 2

